

NARRATIVAS PLURIEPISTÊMICAS E CONTRA-HEGEMÔNICAS DA AMÉRICA LATINA

Luyana Adrielle Almeida Ladislau (UnB)¹

RESUMO: Este artigo propõe dialogar sobre a construção de identidade pluriepistêmica dentro de obras literárias da América Latina das quais as singularidades sobre humanidade devem ser lidas em seus contextos étnico e históricos. As discussões teórico-metodológicas podem mergulhar nas narrativas históricas e interagimos com a consolidação histórica dos personagens enquanto agentes sociais transformadores da deconalidade, pois essas as narrativas podem ser são lidas como documentos históricos de demarcação territorial ou cultural. O lirismo e a poética perambulam entre dados ditos como factuais e o relato mítico de seu povo. A humanidade e a identidade latino-americana se orientam entre os caminhos e os desígnios cíclicos de nascimento-morte-criação dentro de ciclos espirais capazes de sobreviver ao colonialismo para serem relidos até os dias atuais.

PALAVRAS-CHAVE: identidade, humanidades, literatura, narrativa

1. Introdução

O ato de contação de histórias e a oralidade são tecnologias de transmissão do conhecimento comum nas construções de identidade culturais. A narrativa pode ser tida como um artefato cultural da linguagem, tendo desempenhado conexões para a formação de coesão sociocultural. Sendo assim, a narrativa é forte condutor do arcabouço cultural de uma epistemologia e um possível conector de cosmogonias. Por isso, é importante realizar a tradução dentro do local do texto de partida.

A partir de uma visão gerativista de estudo da linguística, criam-se hipóteses em que a espécie humana é portadora de aquisição de linguagem. Nessa teorização, Chomsky (1998) afirma que o desempenho depende da competência, entretanto, não exclusivamente dela, ao

¹ Especialista em Ensino de Sociologia e discente de licenciatura em Língua Francesa e Respectiva Literatura. Contato: ladislau.luyana@gmail.com

passo que fatores adversos também influenciam o desempenho. A competência linguística, então, será a utilização internalizada do arcabouço linguístico e o desempenho é a sua aplicação na realidade material.

A priori, a língua não é expressa sem a competência, e a noção de sentido ficará a cargo de um pressuposto com referência no contexto da materialidade do qual o sentido se refere. Para entender as singularidades contidas nas narrativas, as interações de sentido do falante, enquanto agente social, buscam referências na realidade para gerar contexto palpável ao entendimento. Sem o contexto para o sentido, uma categoria identitária da narrativa pode se esvaziar. Entretanto, o que lhe atribui sentido está nos laços culturais do significado e do qual terá nuances com ambiguidades da língua de origem.

A teoria de Grice (1980) formou duas possibilidades de significado: para o falante tem critério pragmático; e o significado da sentença tem caráter semântico, do qual a intenção do falante não tem vínculo necessário com o significado convencional. Podendo ser inferido do arcabouço gramatical e lexical em seus distintos processos de decodificação linguística. Assim sendo, o significado do falante não está subordinado ao significado da narrativa, mas será gerado pela apreensão cognitiva dos falantes. O significado, por sua vez, faz jus à interpretação dos componentes em sequência da palavra de uma língua. A metalinguagem em si fala tem uma existência sobre a relação estética entre a palavra e o seu sentido na construção de signo linguístico. Segundo Saussure (2001) o que “une não uma coisa é uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica”. Ou seja, a relação entre o signo e o significado são culturalmente concebidos, pois pertencem ao campo das relações entre sentido e a referência tem ligação com o contexto de uso do signo linguístico.

O arcabouço cultural de narrativas distintas pode interconectar cosmogonias. E, utilizar a metalinguagem como recurso histórico e político para a formação de um ensino cuja coletividade e subjetividade não são dissociadas de suas origens.

A narrativa pode ser compreendida pelas identidades e pelos artefatos culturais imbricados coletivamente, com significados e significantes relacionados ao sentido. Sendo assim, o mundo da realidade é um campo de possibilidades para o entendimento de palavras. No âmbito sociocultural, a geração de contexto é, e será, historicamente situada para compreensão e utilização desses signos linguísticos entre indivíduos sociais. O contexto atua enquanto agente basal na interpretação e na ambiguidade das narrativas, pois contém informações adicionais que permitem identificar o sentido de acordo com seu local de

“acontecimento”. Para compreender as sutilezas da linguagem, há uma necessidade de apreensão do conteúdo semântico de suas propriedades de entendimento sem deixar escapar o seu esvaziamento de sentido.

2. Metalinguagem e Narrativas Latino-Americanas

As atribuições de sentido na ambiguidade linguística são aquelas que possuem mais de um significado possível, e sem a localidade de apreensão, a compreensão do sentido será prejudicada. Porém, na metalinguagem, a narrativa ganha abrangência quase com imprecisão de limites definidos em seu escopo de significado, mas também apresenta um sentido dentro do contexto de uso.

Na construção do que se concebe por literatura, a metalinguagem é um recurso estilísticos cuja composição técnica faz referência a si mesma em seus percursos de criação ou apropriação do uso da linguagem. Destarte, em uso linguísticos, ao que se integra à própria estrutura de narrativa, a metalinguagem não se comporta como unidades categorias, mas nas minúcias de alicerces idiomáticos ao nível do conhecimento do falante. Um ponto a se levar em consideração é a distinção entre a linguagem e a metalinguagem: a primeira é um sistema cognitivo da mente humana dotado de propriedades complexas, com capacidade de abstração, comunicação e transmissão para a interação entre seres; a segunda é um mecanismo de descrição sobre a linguagem autorreferenciada.

A metalinguagem é o emprego linguístico da própria linguagem pela linguagem. Por exemplo, quando falo da narrativa com seus jogos de palavras, signos e arcabouço cultural, do qual, a materialização desse método tal qual um subterfúgio estético do saber linguístico que os falantes nativos têm acerca das regras de sua língua. A metalinguagem tende a ser instrumentalizada como recurso e técnica de saberes próprios de uma determinada tradição linguística (Bechara, 1999). A aplicação dela como artifício literário também pode ser encontrada na construção de elementos como aliterações e metáforas, enfatizando ou enraizando a criatividade, como a quebra da quarta parede, no qual as personagens possuem autoconsciência mesmo vivendo em uma historicidade latino-americana.

A narrativa, por sua vez, abarca conhecimentos e significados de um tempo, espaço e de cultura cujos interlocutores são ânforas de síntese dos signos linguísticos, sendo assim, preserva a poética da cosmogonia de um determinado recorte social. Eximindo o que é contado

de uma procedência autoral e infundindo seus componentes ao mistério lírico como um relato “mítico” das latinidades. À vista disso, a identidade ou a persona individual entra em uma suspensão limiar, para gerar, talvez, a rapsódia para a preservação do conteúdo semântico da narração.

Aqui narrativa fornece o sistema de concretude da metalinguagem através da sensibilização e da reflexividade para mediar a interpretação do enquadramento imagético de cada fato da contração e oralidade. Na vertente da subjetividade, a identidade empenha o papel de aporte em que a esfera psíquica, como ambiente de interação do *self* individual, se comunica com a estrutura social e com a crítica da realidade. Através da literatura, é possível instigar o ator social a esmiuçar as complexidades das interações humanas, questionar estereótipos e ampliar a compreensão sobre as pluricausalidades das estratificações do meio social.

Assim como as personagens literárias, os discentes também enfrentam desafios emocionais e sociais em seu repertório pessoal. Por sua vez, a metalinguagem pode guiá-los como uma ferramenta de estímulo à empatia, a promoção da autocrítica e integração com as diversidades. Pela conexão com a metalinguagem, a oralidade de relatos míticos de oriundos das realidades da América Latina se estabelece ao utilizar a narrativa para refletir figuras de linguagem do campo semântico e dos padrões hegemônicos de formação identitária do mundo das ações materiais.

Na narrativa, as personas elucidam sobre dilemas de conduta e sensibilidades influenciadas pelas normas e expectativas sociais. E conseguinte, a metalinguagem, como ponto de análise, fundamenta discussões históricas e a oralidade ao encorajar os atores sociais a entenderem suas próprias experiências e encontrar novas perspectivas ao lidar com a realidade do outro.

Posto isso, as decodificações dos signos linguísticos carregam convicções ético-políticas e interagem com o saber por teias de afetos (ênfase nas convicções individuais) e planos de ação dos quais integram as múltiplas realidades ou talvez os multiversos. Sendo assim, o engajamento político e envolvimento com causas sociais emergem de fenômenos de rotina cotidiana e alinhados com dinâmicas de participação de suas escolhas.

A instrumentalização da narrativa junto à metalinguagem exerce um papel significativo para a interconexão de cosmogonias, pois articula formas de diálogos entre multiculturas. As histórias agem como veículo para a transmissão de saberes e invólucros de uma realidade mais ampla como parte do recorte social e temporal. Esse meta-olhar oferece ao público fatos ou

acontecimentos com potencial coerência da consciência coletiva. Assim, a atuação das estruturas, a nível macro, dos papéis sociais e, ao nível micro, composto na ação lógica vista da lente angular culturalmente estabelecida e historicamente focalizada.

Em uma conjuntura de manutenção ou de autonomia dos atores sociais, a sala de aula é um espaço possível para a metalinguagem ter visibilização e consolidação de experiências do campo semântico a ser contado. Ao verbalizar uma história, o interlocutor externaliza camadas reflexivas de sua psique e seu próprio entendimento de mundo. Nesse sentido, as formas-pensamentos são tidas pela emancipação intelectual de realidades intangíveis. Essa narrativa como metodologia será a ferramenta de transformações das estruturas sociais e não apenas de observação para a continuidade de opressões. Ou seja, a narrativa seria o palco das expressões intelectuais que o indivíduo percorre, ao passo do qual o mesmo exprime-se padrões que são traços da ambientação do relato.

No que tange as histórias contadas em nossa América, a diversidade de situações contidas nos signos da metalinguagem e eventos externos não se limitam ao escopo dos fatos, sejam eles míticos ou concretos. Em termos mais amplos, trata-se do posicionamento de epistemologias em relação a si mesmas e as histórias que dão sentido à sua própria existência, pois a compreensão autônoma opera com base em suas experiências ao interagir com outros viventes.

Para diminuir a complexidade de interação entre as pluralidades, as esferas de entendimentos criam subsistemas ao seu redor para se diferenciarem e interagirem. Essa diferenciação não leva ao desmembramento ou perda de sua identidade em relação a outros sistemas, pois ao interagirem entre si se tornam agentes externos para alterar sua estrutura vigente.

A metalinguagem apresenta algumas problemáticas dependendo do modelo de aplicação, pois o seu manejo deve partir das seguintes especificidades: do contexto, como mencionado anteriormente, da imanência e do repertório teórico. A contextualização concede a sintonia cujo ponto de discrepância está nas temporalidades, afinal até mesmo o tempo é uma construção biopsicossocial. O fomento semântico do recurso metapedagógico precisa se situar no tempo, seja ele qual for. Sendo uma questão de incluir os interlocutores da narrativa no local de transmissão de informação (KOERNER,2014).

Ao percorrer a impermanência do contexto, se faz a necessidade de conservar a constância para conservar os limites de meta análises ao próprio cenário de estudo ou da práxis.

Com o intuito de compreender o objeto de estudo em sua essência e estrutura social e temporal, deve-se examinar o raciocínio linguístico conforme ele se delimita. E, por fim, dentro da noção do repertório teórico está o entender de que a metalinguagem são informações compartilhadas ancoradas no tempo e na constância. Aqui reside a capacidade do interlocutor de ter senso crítico para acessar os contextos semânticos, pois a narrativa será inteligível a todos (KOERNER, 2014).

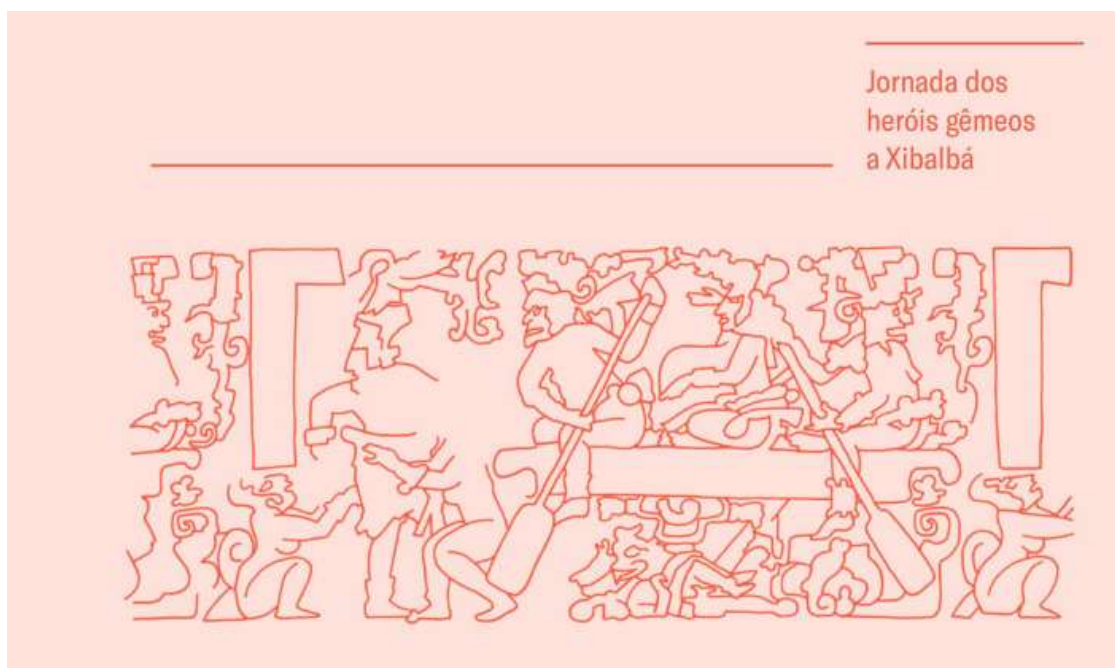
3. A narrativa e a metalinguagem no epistemômetro

A aplicabilidade do recurso de metalinguagem e narrativa se sustenta no serpentear ao redor dos eixos 3 - *vozes e formas de representação* e 4 - *novos paradigmas e abordagens* (CARVALHO, 2023). É fundamental submergir nos cosmos do outro enquanto o uno do *self* está acolhedor para aprender e modificar o seu esqueleto de existência. A interconexão com o *Anima Mundi* está íntima com os elos territoriais e as práticas “com” vivências do corriqueiro em coletivo. Negar o direito dos discentes de apreenderem com o plural se torna maquinário desenvolvimentista da sociedade hegemônica e flerte com o epistemicídio. Vejo, portanto, a necessidade de uma educação que abarque os conhecimentos multifacetados para adquirir intercâmbios na dinâmica estrutural do mundo.

Como, por exemplo, a sobrevivência de mais de três séculos do *Popol Vuh* por meio da narrativa e da metalinguagem. Conhecido também como Livro da Comunidade ou Livro do Conselho. É o manuscrito/artefato histórico do grupo étnico Maia, em específico aos antigos habitantes das Terras Altas, situadas na atual Guatemala. Datado do século XVI, do qual a prosa-poética descreve a formação desse povo. A procedência autoral protagoniza o profundo mistério em torno da obra, pois não é do conhecimento de ninguém, até o momento, a identidade da persona individual ou coletiva por trás de sua escrita (Baptista e Recinos, 2019)

Um dominicano chamado Frei Ximenes, nesse mesmo século, teve acesso ao manuscrito original do Livro da Comunidade, copiou, traduziu e elaborou o Manuscrito de *Chichicastenango* em quiché-espanhol. Estuda-se que a formação original do livro é toda descrita a partir de hieróglifos. Para o livro permanecer dentro da etnia maia-quiché, os signos linguísticos foram submetidos à transliteração na tentativa de sobreviver ao processo de colonização. As definições podem até pertencer aos definidores, mas a reivindicação de existência é desvelada pela marca ancestral deixada à descendência (Quijano, 2005).

Figura 1: Jornada ao inframundo



Fonte: Baptista & Recinos, 2019.

Esse hieróglifo fala sobre a jornada dos gêmeos divinos Hunahpu e Xbalanque que adentram ao inframundo Xibalbá como parte de um componente da expiação e expurgo necessários para a criação do humano maia-quiché. E para o manejo de equilíbrio cósmico, vitalidade e salubridade dependem inicialmente do equilíbrio entre as formas da criação.

4. Considerações finais

Mesmo que a história contada seja experienciada através dos signos linguísticos do narrador, a forma de pensar a construção da jornada está entre as personagens. Suas formas de movimento no contexto são interesses mútuos. E evocar a narrativa, temos instrumentos acerca do espaço e do tempo, seja ele vocalizado ou escrito. A metanarrativa deve garantir a integração entre os atores sociais e a prevalência da liberdade poética do pensamento. Assim, o recurso pedagógico será marcado pelo compasso do contador e seu embate da verdade a ser dita. Traços da personalidade, seja em primeira ou terceira pessoa, do narrador são esboçados pelos acontecimentos e a cronologia contida na confabulação. O fatual se mistura com a ficção da

narrativa e o discente tornam-se mecanismos de resiliência e marco da soberania ao projetar contradições e intermediar as relações com o mundo. O uso da narração emprega a mobilização social e faz parte da historicidade, ou seja, assume a dinâmica de símbolo histórico, pois o narrador na metalinguagem é a personificação de recorte temporal desses acontecimentos.

5. Referências

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

CARVALHO, José Jorge de. **Epistemômetro. Uma Metodologia para a Descolonização e Transformação do Currículo das Universidades Brasileiras**. PragMATIZES - Revista LatinoAmericana de Estudos em Cultura, Niterói/RJ, Ano 13, n. 25, p. 302-345, set. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/pragmatizes.v13i25.57921>

CHOMSKY, Noam. **Linguagem e Mente: pensamentos atuais sobre antigos problemas**. Brasília: Editora da UnB. 1998.

GRICE, H. P. Lógica e conversação. In: M. Dascal (org.). **Fundamentos Metodológicos da Lingüística: Pragmática**. São Paulo: Ed. do autor. 1980.

KOERNER, E.F.K. **Quatro décadas de historiografia linguística: estudos selecionados**. Braga: Publito, Estúdio de Artes Gráficas, 2014.

Popol Vuh – tradução crítica e notas Josely Vianna Baptista. Introdução e notas Adrián Recinos. Texto Daniel Grecco Pacheco. São Paulo: Ubu Editora, 2019. 384 pp.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, E. (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e Ciências Sociais. Perspectivas Latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix. 2001.